P.E RIOS NOVAIS

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

NOTAS LIGEIRAS A PROPÓSITO DA VISITA PASTORAL A MACIEIRA

(FREGUESIA DO CONCELHO DE BARCELOS)

Tradições populares colhidas nos últimos 60 anos.

Um pouco do que em Macieira se fêz nos últimos 60 anos.

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

BARCELOS
1944

8(469.12)
OV

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

NOTAS LIGEIRAS A PROPÓSITO DA VISITA PASTORAL A MACIEIRA, BARCELOS

C. M. B.
BIBLIOTECA

P.E RIOS NOVAIS

Of. ao Ex.mo Comissão do Turismo de Barcelos

NOTAS LIGEIRAS A PROPÓSITO DA VISITA PASTORAL A MACIEIRA

(FREGUESIA DO CONCELHO DE BARCELOS)

Tradições populares colhidas nos últimos 60 anos.

Um pouco do que em Macieira se fêz nos últimos 60 anos.

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

H.S.2.1.23
C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº 6950

BARCELOS
1944

Barcelona
Perm

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

AS seguintes notas ou apontamentos não deveriam sair do arquivo familiar, de pequenos lavradores, — deveriam juntar-se a tudo mais que, há dois séculos, se vem guardando — entre coisas de muito interêsse, outras curiosíssimas, mas de interêsse e utilidade da família e pouco mais. Alguém, é de opinião que elas, embora singelas, não devem recolher-se no caixote *a que se destinavam, mas mostrar-se em público. Concordei.*

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

MACIEIRA fica no extrêmo sul do concelho, a catorze quilómetros da sede na parte mais distante e, com Negreiros, apertada entre os concelhos de Vila-Nova-de-Famalicão e Póvoa-de-Varzim.

Fica-lhe ao norte Courel e Gueral, do concelho de Barcelos; ao sul, Negreiros do concelho de Barcelos e Balazar do concelho da Póvoa de Varzim; pelo nascente, Chorente e Negreiros; e pelo poente, Rates, da Póvoa-de-Varzim. Era freguesia, aliás como em geral tôdas as outras rurais, sem estradas, com caminhos lamacentos; mas, em compensação vantajosa, reinava a melhor harmonia e amizade entre os vizinhos e parentes e era freguesia de gente boa, onde tinham profundas raízes os bons costumes e tôdas as virtudes cristãs. Em 1886, foi cortada de norte a sul por estrada que ligou à de Barcelos (que já estava em Pedra-Furada) e a Fontaínhas (1).

---

(1) Interessante sessão da Câmara de Barcelos, de 11 de Dezembro de 1886, da presidência de José Novais, votou por unanimidade êste melhoramento de Macieira.

Referir-me-ei mais adiante ao que então se passou.

Desde então, tornou-se uma freguesia progressiva, transformou-se com os prédios que ao redor da nova igreja se levantaram, a substituir os brejos de silvas e mimosas, e pelas margens da estrada.

Como se passavam as noites de inverno

Naquele tempo, as longas noites de inverno davam para rever e repetir tôda a doutrina cristã que constava da cartilha do Abade de Salamonde, certa em tôdas as casas, onde alguém lia; para os velhos contarem «histórias» verdadeiras das invasões francesas, do «cêrco do Pôrto», das últimas montarias ao lobo por êstes sítios; de assaltos de maltas de ladrões, depois das lutas civis e sua extinção; para desfiar a árvore genealógica da própria família, dos parentes e dos conterrâneos, lá até muito longe; para contar historietas de feiticeiras e almas do outro mundo; e até, em certos e determinados dias, para jogar a «bisca de seis» com os vizinhos e velhos amigos, de mistura com inocentes e estridentes gargalhadas... A vida à lareira, dessas horas de inverno, ao redor da fogueira benéfica era escola de virtudes, onde se radicava o santo amor da família, e a leal, boa e franca amizade dos vizinhos. Nessa época, ia-se à venda «mercar» o que era preciso e lá ninguém demorava, que a venda fechava à noite e o vendeiro ia, como o resto da gente, para a lareira.

...O progresso trouxe muitas coisas boas; mas também trouxe muitas coisas que não faziam falta nenhuma.

*

* *

Estou convencido de que tôdas as freguesias, mesmo as mais humildes, sertanejas e ignoradas, como foi Macieira, tinham, na sua história, coisas interessantíssimas, lições muitas vezes de crença desassombrada, de patriotismo são e de bocadinhos preciosos de história pátria e história religiosa da Diocese. E as mais sertanejas eram as que conservavam e transmitiam mais puras as suas tradições, como grande reprêsa, cercada de altas montanhas, onde os fios de água límpida a correr de fontes puras, aí se guardassem, em vez de correrem e se dispersarem e perderem pelas campinas e parques do progresso... E o mesmo se pode dizer da história ou genealogia de algumas famílias, embora humildes. Que de coisas belas que por aí há que nos enchem a alma, nos ajudam a formar o carácter e que, por isso, são úteis e não se deviam perder!

Escreverei desordenadamente, a granel, umas coisas sôbre Macieira, sabidas por todos nós os velhos, mas para que se não percam e os novos da freguesia conheçam. Não me chega o tempo nem posso consultar as fontes devidas, para fazer a crónica, mais ou menos longa, de Macieira. Nem tenho fôlego para tanto. Mas tem hoje esta freguesia filhos que, pelo seu amor à terra natal, pela sua situação, pela facilidade de consulta, bem o podem fazer. Que êste meu pobre arrazoado tenha o mérito, não lhe desejo outro, já que sai a público, de despertar a competência dos meus conterrâneos e

de levar algum a estudar e escrever a história desta freguesia, onde nascemos e, se de nós dependesse, noutra não queríamos ter nascido.

Última Visita Pastoral a Macieira

Esteve aqui, em tempos passados,
D. Frei Bartolomeu dos Mártires?
E S. Pedro de Rates?

No dia catorze de Novembro de 1943, coube a esta freguesia de Macieira, Barcelos, a subida honra e graça, nunca assaz agradecida a Deus, de receber a Visita Pastoral do seu Venerando Prelado, Ex.mo e Rev.mo Senhor D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo Primás.

Em 28 de Janeiro de 1927, igual graça havia recebido, sendo visitante o Senhor D. Manuel Vieira de Matos, de saüdosa memória. Antes desta data, não há memória de Visita alguma Pastoral ter sido feita aqui pelo próprio Prelado.

*
* *

Lenda ou facto histórico, conta-se que por aqui passara uma vez D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Vinha da vizinha freguesia de Rates, de visitar o túmulo de S. Pedro, um dos seus antecessores e primeiro Bispo de Braga. Furiosa tempestade obrigou o Santo Prelado e limitada comitiva a bater à porta e pedir abrigo numa casa de humildes lavradores. Foi imediatamente para a lareira e, como

naquela casa não existia cadeira mais cómoda e luxuosa, foram buscar a raza de medir os cereais e nela se assentara o Arcebispo. Enxugara-se ao lume e aí tomou uma refeição, que constou apenas de ovos cosidos e broa.

Não repugna que seja facto histórico. A verdade é que os nossos pais e avós, anda por sessenta anos que, entre factos históricos e lendas, tantas vezes à lareira nos repetiram, afirmando assim ter ouvido aos seus pais e avós, o que acabamos de relatar, fazendo-o sempre num tom de máximo respeito e devoção pela humildade, penitência e mais virtudes do santo Arcebispo.

Êste relato era repetido várias vezes durante o ano, sempre nos mesmos têrmos, sem variantes, mesmo de casa para casa e, apesar de muito repetido, era sempre ouvido com crescente curiosidade e interêsse por tôda a família (1).

---

(1) A casa onde se diz que esteve D. Frei Bartolomeu dos Mártires era propriedade dos Lopes «os Leças» do lugar da «Calçada», Rio, e foi vendida em praça no tempo do último «Leça» desta família — Bernardino Lopes — (o Bernardino Leça), a quem dedicaremos algumas linhas mais adiante.

Conhecemos ainda a cozinha e casa histórica, habitada pelo caseiro João Fernandes de Sousa — (o João da Felizarda) — restando hoje dela um pardieiro em ruinas, pertencente a João Francisco Rios Novais.

Não seria bem sinalar o sítio com uma memória simples?

*

* *

Que também por aqui passou S. Pedro de Rates. Na freguesia ninguém havia que não tivesse ouvido contar que S. Pedro, perseguido, aqui passara na direcção de Rates. Ao chegar ao rio do Limarinho (um pequeno ribeiro), já dentro dos limites de Rates, o cavalo em que o santo montava, cansado, ajoelhou e, na pedra da calçada, deixou marca profunda dos joelhos! O santo apeou-se, e com a mão, cavou pia bastante, noutra pedra, em que deu ao animal reanimadora ração de grão. E ainda hoje lá estão as aludidas pedras, a pouca distância uma da outra: a primeira na margem esquerda, a segunda na direita do referido rio do Limarinho. Sempre que aí passava, olhava com interêsse para as pedras... (1) Êste milagre, que não consta do Breviário Bracarense, ouvi-o contar, quando criança, com a mesma emoção com que ouvia o relato do aparecimento do corpo de S. Pedro martirizado, descoberto por S. Félix, guiado por sinal luminoso.

Acentuemos: Os Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Senhores D. António Bento Martins Júnior e D. Manuel Vieira de Matos visitaram Macieira, respectivamente, em 1943 e

---

(1) O proprietário do prédio que, pelo norte, confronta com o caminho onde se encontra a pedra com os sinais dos joelhos do cavalo é Umbelina Rosa da Silva, viúva de Henrique Gonçalves Martins, de Rates. Reformando recentemente o muro dêste seu prédio e «passeio» do caminho, respeitou a referida pedra, deixando-a no seu sítio. Fêz muito bem.

1927. Disto fomos testemunhas centenas de pessoas, ainda vivas... Que aqui estivesse D. Frei Bartolomeu dos Martires parece-me verosímil. E que S. Pedro de Rates aqui passasse deve ser certo, porque, vindo de Braga para Rates e ficando Macieira ao nascente de Rates, devia passar por Macieira.

IGREJAS

Igreja paroquial

A igreja paroquial de Santo Adrião de Macieira, Barcelos, está situada no lugar do Outeirinho.

Foi edificada sendo pároco o Rev.^{do} Severino de Oliveira Lima, e fizeram parte da comissão de meios: a Junta, composta por José Francisco do Padrão e José António de Araújo, além do Pároco; o regedor Manuel Pereira Gomes Palmeira; e os paroquianos: João Francisco da Silva Novais, Manuel José Ferreira, Joaquim José Rodrigues da Silva, João Francisco da Costa, Manuel Alves da Costa, João da Costa Cerqueiral. A obra de pedreiro estava terminada em 1877, tendo começado em 1876. A obra de carpinteiro principiou em 1878. Deveria estar concluída em 1879. Custou tudo 5:250$000 reis. Foi presidente da comissão o Rev.^{do} Pároco, entregando em certa altura a presidência, por falta de saúde, ao membro da comissão — João Francisco da Silva Novais.

Igreja velha — Cemitério

A velha igreja ficava a sudeste da actual, a 250 metros de distância e no lugar da Igreja. A sua pedra foi empregada na construção da nova e a sua linda pia baptismal, onde foram baptizados os nossos antepassados, passou para a nova igreja e continua a servir a nobre missão de purificar do pecado original os filhos de Macieira.

O local da igreja velha serviu para sepultar os mortos até que, em 1887 se construíu o cemitério paroquial, sendo pároco encomendado o Rev.^{do} P.^{e} António José Ferreira e fazendo parte da Junta da freguesia José Joaquim Ferreira, Manuel Pereira Gomes Palmeira e Manuel Joaquim da Costa.

Mais tarde, em 1897 (1), foram cuidadosamente recolhidas as ossadas e trasladadas para o cemitério, sendo pela Autoridade Civil posto em praça e comprado o terreno que fôra ocupado pela igreja. É muito de lamentar que as circunstâncias dessa época não permitissem que o referido terreno continuasse a servir o fim santo a que fôra dedicado. Pelo menos, que nele ficasse um cruzeiro, a protestar aos vindouros a santidade do lugar e se plantassem lá oliveiras que dariam azeite para a lâmpada do Santíssimo.

---

(1) O dono do terreno — António Ferreira da Silva Júnior vendeu-o algo contrariado e foi por êle estreado o novo cemitério.

A primeira igreja de que se fala

Anda na tradição que, antes da igreja velha, outra existiu no «Monte do Adro», a nordeste, perto dos actuais limites de Chorente e Gueral e que, num passado muito remoto, havia servido de paroquial de Macieira e Chorente.

Santo Adrião de Macieira vem nas inquirições de D. Afonso II — 1220 com a designação de Santo Adriano de Mazieiras, nas terras de Faria. O rei tinha aqui alguns casais dos quais recebia foros. E que o vigário de Macieira era apresentado pelo Reitor de Chorente (1).

Seria Macieira desmembrada de Chorente, creada paróquia independente, com novas igrejas, mais centrais (uma para Chorente, outra para Macieira) ¿e ficaria, nesse momento Chorente com o direito de padroado sôbre Macieira?

Que os competentes investiguem. Fóra desta hipótese, dificilmente se explicará porque seria o Vigário de Macieira apresentado pelo Reitor de Chorente.

---

(1) Do «Barcelos Além Cávado» do Dr. Teotónio Fonseca.

ESCOLAS E BENFEITORES

Escolas

Tem esta freguesia duas escolas, — uma de cada sexo. A do sexo masculino foi provisòriamente instalada no salão da sacristia, encostado à igreja e com janelas apenas para o poente. É um *provisório* que está a prolongar-se demasiadamente com prejuízo da Escola e da Igreja. Prolongado o referido salão até à tôrre e tirada de lá a Escola para edifício mais próprio e higiénico, ficava a paróquia com o seu espaçoso salão para o ensino da catequese, etc., que bem útil e preciso era.

Benfeitores

— Esta freguesia deu também o seu contingente de emigrantes para o Brasil. Nenhum, creio eu, adquiriu por lá grande fortuna e bastantes por lá ficaram. Mas, dentro das suas possibilidades, alguns foram benfeitores da instrução e da igreja, mos-

trando que tinham o coração prêso à tèrrinha que lhes foi berço.

— António Gomes Araújo ofereceu em 1882 a pequena, mas elegante capela do Senhor dos Passos, que fica ao sul da igreja e no fim do adro.

— Os irmãos Malta, em 1890, mandaram fazer a escola do sexo feminino, o sanefão para o arco cruzeiro da igreja e uns bons paramentos brancos, completos, para missas solenes, que ofereceram a Nossa Senhora da Purificação.

— O Gomes, de Fradelos, mas ligado a Macieira pela espôsa e parentes, ofereceu com a espôsa um relógio para a sacristia, umas rédias de ouro para o cavalo em que está montada a imagem de S. Tiago e um capital para, com o seu juro, se fazer, ou ajudar a fazer as Quarenta Horas.

— Joaquim Martins de Freitas, filhos e espôsa, êstes naturais do Brasil, ofereceram um bom relógio para a tôrre dos sinos, inaugurado em 1 de Janeiro de 1909.

— José Ferreira da Silva e irmãos (os Poças), em 1916, ofereceram um páleo e 10 opas de seda. Vê-se que os filhos de Macieira que em terras de Santa Cruz mourejam o pão de cada dia não desafinam êsse concêrto harmonioso e unânime de seus compatriotas que amam a Família, a Instrução, a Igreja e a sua terra, sendo delas beneméritos. Rendo-lhes a minha humilde, mas muito sentida homenagem.

Muito concorreram para os melhoramentos públicos de Macieira, desde 1886, o Pároco — António José Ferreira, filho de Macieira, o professor — José

Joaquim Ferreira e o regedor — José Francisco do Padrão. Unidos como um só homem, e apoiados e auxiliados pela grande maioria, fizeram muito na sua época; muito se lhes ficou devendo a êstes verdadeiros homens de bem. E, por isso, bem ficam os seus nomes juntos aos dos beneméritos desta terra.

A residência paroquial

A VELHA residência precisava de reforma. Tinha junto, pequeno quintal aos sucalcos, fraco, mas bem aproveitado e zelado. A cozinha, rez do chão, ocupava o nordeste do edifício. Seguiam, para o poente, sala e alcôvas; e, para o sul, a melhor sala e alcôvas; descia-se, em bem lançada escada, para um pequeno átrio... cobêrto, com o seu «portal frônho» para o caminho que levava à velha igreja. A igreja nova ficou-lhe a noroeste. E a entrada, por «atalho de cabras» indo da igreja nova, dava para a porta da cozinha escura, sob pêna de volta larga, o que ninguém fazia. Entrava-se pela porta da cozinha e chamava-se à porta da cozinha! Quando entrou o Pároco Joaquim Gonçalves Dias, foi residir para uma casa particular, esperando reformar a residência paroquial. Proclamada a República, não se pôde logo pensar na reforma.

Por ruindade de alguém, naturalmente da freguesia, a residência paroquial de Macieira com seu quintal foi das poucas do concelho de Barcelos que foi vendida em hasta pública, em Lisboa, quási sem

se saber em Macieira. Foi tudo comprado pela Câmara Municipal de Barcelos para aí, dizia-se, se levantarem escolas de que a freguesia estava tão carecida. O Estado novo veio encontrar, em vez das tais escolas projectadas, um montão de escombros, silvedo e codeços... A sua primeira Vereação Municipal e estudado o assunto pelo Coronel Francisco Vila Chã Leite e reconhecido impróprio o sítio para as escolas, resolveu vendê-lo e pô-lo em praça.

A freguesia comprou, como já tinha comprado a um particular — João Francisco de Carvalho — um pequeno casebre que ficava entre o adro e o quintal da residência paroquial. Nesse momento, houve a imposição de alguém, exigindo uma faixa dêsse terreno, ao nascente, *porque lhe convinha,* e sob pêna de lançar na arrematação sôbre a base, que já era puchada. Resolveu-se ceder com o consentimento do Senhor Arcebispo e para evitar males maiores. ... Nunca os bens extorquidos à Igreja fizeram enriquecer alguém; antes a experiência mostra que, com êles, entra a maldição nas famílias dos que os adquirem... Foi o Pároco Joaquim Gonçalves Dias que tomou a iniciativa da construção da nova e actual residência, no que foi coadjuvado eficazmente pela maior parte de seus paroquianos. Houve dificuldades, desgôstos, trabalho, mas também a consolação de chegar ao fim e vêr dentro da residência paroquial o querido pároco, depois de vaguear por casas arrendadas durante bastantes anos. Graças a Deus! Deus premeie os que para ela contribuíram!

Também, como digo acima, a ruindade de alguém levou à praça o passal, pequeno cortelho si-

tuado perto da igreja velha. Comprado por uma comissão com o fim de ser para o Pároco teve de ser revendido a particular, por não se conseguir, naquela ocasião, dinheiro que chegasse para pagar a nova residência. O Senhor Arcebispo autorizou estas operações.

É pêna, imensa pêna que a fôrça das circunstâncias obrigasse a perder êsse já pequeno passal, tão preciso ao Pároco. ¿E não haverá almas boas e generosas, que reconstituam passal bastante? Deus toque o coração dos que podem!

C. M. B.
BIBLIOTECA

CAPELAS

Capela do Senhor dos Passos

Tem Macieira a capela do Senhor dos Passos, a que já me referi, situada ao sul da igreja e junto do adro. É pequena, mas elegante, bem construída. Foi obra dum benemérito, como é dito, que estava no Brasil.

Capela de Nossa Senhora da Glória

No lugar do Rio há a capela pública de Nossa Senhora da Glória. Em 11 de Junho de 1757, «D. Fr. Aleixo de Miranda Henriques, da Sagrada Ordem dos Prègadores, Bispo Eleito do Bispado de Miranda e Vigário Capitular e Governador dêste Arcebispado, sede vacante, Primaz das Hespanhas»: «Vista a petição de Manuel Domingues Macieira e seu filho o capitão — José Domingues da Silva»... concedeu a licença precisa para se edificar esta capela. No requerimento inicial, alega-se que os fiéis

do lugar do Rio, em ocasião de grandes enchentes, não podiam ir à igreja paroquial e que não havia capela alguma na freguesia. O seu primeiro património foi feito a 21 de Maio do referido ano de 1757. A licença para o respectivo pároco a benzer tem a data de 24 de Setembro de 1758. Media ela 16 palmos de largo e 24 de comprido.

Em 6 de Agôsto de 1782 a Cúria Arquiepiscopal executou, publicou e traduziu dois Breves, do Papa Pio VI concedendo a graça de altar previligiado a tôdas as missas *de requiem* aí celebradas; e indulgência plenária aos fiéis que, confessados e tendo comungado, visitarem esta capela e orarem, no dia 15 de Agôsto, e também, nas mesmas condições, a 8 de Setembro.

Em 21 de Março de 1783, o Pároco colado — Manuel Gomes de Sousa havia pedido e conseguiu Licença para colocar dois confessionários na capela.

Em 14 de Novembro de 1798, o capitão José Domingues da Silva, sentindo próxima a morte, pediu e conseguiu Licença para ser sepultado e sua família na sua capela, respeitados os direitos paroquiais.

Em 4 de Julho de 1865, D. José Joaquim de Azevedo e Moura concedeu Licença para benzer a capela que foi reformada por José Francisco da Costa Rios (ou da Costa Padrão).

A 16 de Janeiro de 1918, foi erecta a Via Sacra, com a devida Licença, pedida por Domingos Francisco da Silva Novais.

Nota curiosa: Nos Breves de Roma vem um êrro: atribui-se a Macieira o orago Santa Eulália,

quando é Santo Adrião. Em língua italiana, está arquivado um requerimento, pedindo a validade das graças concedidas, não obstante êste equívoco. A Santa Sé concedeu não obstante êste êrro e o Exmo Prelado executou. Está todo o processo arquivado com atestados dos párocos, dos vistoriantes, etc. É interessante também a cláusula de, na desobriga e festas principais do ano, o dono da capela ter de ir à igreja paroquial; de mandar uma pessoa de sua casa à missa paroquial dos dias de preceito; e de não se celebrar missa na capela à hora da paroquial.

Capela de Nossa Senhora da Graça

Existe mais no lugar de Penedo e Casa da Quinta, a capela pública de Nossa Senhora da Graça. Não me foi possível ver alguma coisa escrita sôbre esta bem situada, linda e bem cuidada capela. Diz-se que aí houve um *convento*. Se houve, devia ter sido *conventículo,* como tantos outros que em certa época por aí surgiram e que a Santa Sé limitou. Porque não existem sinais de obra de vulto. A relativamente pequena propriedade passou por vários donos e assim se explica fàcilmente a perda de quaisquer documentos referentes à capela. A tradição diz que pertenceu a um tal cadete. Dêste passou por venda, para os Ferreiras que tiveram de vender ao parente Gomes, «brasileiro de Fradelos», o qual, por sua vez, a deixou a sua segunda esposa — Rita de Sousa, de Balazar, que em 1898 a mandou reconstruir.

Foi mais uma vez vendida a Manuel Martins de Campos e hoje é seu possuïdor com a propriedade junta—Aureliano Fernandes Carvalho. Evidentemente é mais nova do que a de Nossa Senhora da Glória, visto no pedido para erecção desta se alegar que nenhuma capela existia na freguesia.

DIVERSAS

Cruzeiro paroquial

O antigo cruzeiro paroquial, que era já da igreja velha e ficava junto da casa do Padrão, foi mudado em 1924, para mais perto da actual igreja, logo junto do adro e ao sul. Com o cerimonial adequado, nele foram postas as datas da «fundação» e «restauração» nacionais no ano da Comemoração dos Centenários.

É o único cruzeiro que se encontra dentro dos limites da paróquia.

«Alminhas»

Tem Macieira *quinze* nichos ou «alminhas» espalhadas pelos lugares do Rio, Pinguelinha, Orgueiras, Penedo, Outeiro, Picoto e Paço. Algumas estão bem conservadas e zeladas, outras ao abandôno e a desmantelar-se. Apelamos para os filhos de Macieira, a fim de que retoquem e reparem todos êstes padrões de fé e de santa devoção pelas ben-

ditas almas do purgatório, que nossos antepassados com entusiasmo e bem compreendida crença levantaram. Que se reparem todos êsses nichos que de reparação precisarem. Temos a esperança de ser atendido êste nosso apêlo.

Almas, fogos, aldeias e lugares

Segundo o «rol da desobriga», tem Macieira 1.320 almas e 285 fogos, dissiminados pelas *aldeias* do Outeirinho, Picôto, Outeiro, Penedo, Modeste e Rio. Estas *aldeias* estão divididas em lugares: do Paço, Lobar, Guandarinha, Talho, Travassos, Rio do Souto, Cumieira, Minas, Orgueiras, Pinguelinha, Eitil, Paulinhos, Talho de Cima, Talho de Baixo, Retorta, Fareleira, Carreiro, Aldeia dos Santos, Cerqueiral e Verdial.

Vê-se assim que em Macieira aldeia não é sinónimo de lugar.

Devoções Queridas

Em Macieira, quando eu era rapaz, existiam e ainda hoje existem as três devoções muito queridas dos portugueses: ao Santíssimo Sacramento; a Nossa Senhora; e às Almas do Purgatório.

E, além destas três, ainda existia especial devoção a S. Tiago e a S. Pedro de Rates.

— A devoção ao Santíssimo Sacramento manifestava-se na missa cantada e procissão num domingo de cada mês, reünião trimestral de confessores a preparar para comunhão, e a festa anual. Além

da piedade com que sempre se acompanhava o Sagrado Viático, a que não faltava pelo menos uma pessoa de cada fôgo, sempre que o Senhor saía; iluminando, sendo de noite, tôdas as casas dos lugares por onde passava. Os pobrezinhos, à falta doutras luminárias, acendiam e sustentavam nas mãos pinhas acesas! E, de outeiro em outeiro, ecoava o cântico de vozes másculas em que ia tôda a vibração de almas crentes — «Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia». «Fruto do ventre sagrado da Virgem puríssima — Santa Maria». Hoje, não há a missa cantada mensal; mas a festa tem sido precedida de tríduo de prègação e tem havido comunhão geral e procissão, com brilho crescente de ano para ano.

A devoção a Nossa Senhora

Além das duas capelas públicas dedicadas a Nossa Senhora, existe particular devoção a Nossa Senhora, sob as invocações — Sagrado Coração de Maria, Nossa Senhora da Purificação (em cuja honra havia missa cantada mensal), de Nossa Senhora das Dores, acrescentada recentemente da de Nossa Senhora de Fátima, cujas imagens se veneram na igreja paroquial.

A devoção das Almas do Purgatório

Além do grande número de «Alminhas» espalhadas pela freguesia, havia a primeira missa dominical (das almas) cuja despesa era costeada pelo

peditório anual. E aplicada pelas almas das obrigações dos oferentes.

Devoção a S. Tiago

E a devoção a São Tiago que, *indo na onda,* os macieirenses tornaram numa das festas de maior estrondo e arraial do concelho. Felizmente, esta parte profana, ouvida a voz da Igreja, terminou.

Conta-se que, em certo ano, um cavalheiro não quizera servir na mordomia de S. Tiago. Tendo passado a procissão da respectiva festa, caíra com estrondo um coberto pertencente ao referido cavalheiro, o que todos tomaram como castigo do santo.

A S. Pedro de Rates

Quando alguém morre, ainda hoje, a família dorida pobre ou rica, manda celebrar missa na capela de Nossa Senhora da Glória, a fim de aproveitar para o defunto a graça do altar privilegiado. E conservando o costume antigo, algumas famílias ainda mandam celebrar uma missa, nas mesmas circunstância, em S. Pedro de Rates. Antigamente muitos eram os testamentos que, entre as missas em sufrágio dos testadores, impunham uma, celebrada no altar de S. Pedro em Rates, logo após a morte do testador. E mesmo que não houvesse a disposição testamentária, ainda era freqüente os herdeiros mandarem-na celebrar espontâneamente, para que o primeiro Bispo da diocese, que dera a vida pela dou-

trina do Senhor, lá junto de Deus, intercedesse pela alma do defunto. E, ainda quando éramos criança, embora se soubesse que o dia de S. Pedro não era de *guarda,* não se trabalhava *com o gado*. Hoje desapareceu esta prática em honra de S. Pedro de Rates.

Últimos Párocos

Antes de 1846, havia sido pároco de Macieira um sacerdote de Paredes de Coura, que ainda anda na tradição.

— Severino de Oliveira Lima, natural de Prado, Braga, paroquiou desde 1846, a 1879. Foi quem educou nossos pais e avós.

Em época anterior, sei apenas que foi pároco de Macieira o Vigário Manuel Gomes de Sousa. Vejo documentos assinados por êle em 1758 e ainda em 1783. (Atestados para a erecção da capela da Senhora da Glória e para a licença de ter aí dois confessionários, respectivamente a 24 de setembro e a 21 de março).

— Em 14 de novembro de 1798 assina, como encomendado, — José da Silva Rios. (Atestado para a petição de se poder enterrar na referida capela os seus donos).

— Com data de 15 de Junho de 1814, e ainda em 7 de Julho de 1830 nuns atestados a respeito do Rev.do João Alves da Silva assina o pároco colado-reitor — José Joaquim Soares da Costa. ¿Seria

êste o de Coura? ¿Ou entre êste e o Rev.do Severino de Oliveira Lima haveria mais algum? Não averiguei.

Severino de Oliveira Lima foi o pároco que tomou a iniciativa de construir a nova e actual igreja e Nosso Senhor deu-lhe a consolação de, embora já muito doente e com dificuldade, a benzer.

— Seguiu-se Manuel Fernandes de Sousa Campos, de Balazar, Póvoa de Varzim, desde 1879 a 1882.

— Depois dêste veio António José Ferreira, natural desta freguesia, desde 1882 a 1889. Passou para Viatodos, Barcelos, e de lá para Esmeriz, Famalicão; e de Esmeriz, para Cristelo, Barcelos, onde faleceu. Apesar de natural de Macieira, fêz muito bom lugar, foi aqui muito respeitado e querido até à morte.

Veio depois — Manuel Lopes da Costa, natural de Terroso, Póvoa de Varzim, desde 1889 a 1908.

— Sucedeu-lhe — Joaquim Gonçalves Dias, natural da freguesia da Carreira, Barcelos, desde 1908 a 1934. (Desde Fevereiro de 1919 a Julho de 1920, foi encarregado da paróquia — Manuel José Rodrigues, abade de Negreiros; e desde Janeiro de 1921 a Agôsto de 1922 foi dela encarregado o Rev.do João Gonçalves da Silva, de Macieira).

Duma vez, esteve o pároco ausente por motivos políticos; doutra, por doença gravíssima e prolongada.

— Desde 21 de Setembro de 1934 a 17 de Março de 1943, teve Macieira como pároco — Manuel Fernandes Portela, natural de Capareiros, Viana do Castelo. Chamou-o N. Senhor quando nos parecia que muito dêle havia ainda a esperar.

— É seu actual pároco — Manuel Martins Marques, natural do Divino Salvador de Souto, Terras de Bouro, que sucedeu ao anterior.

Casa do Povo

Tem esta freguesia, a segunda que se criou no concelho. Foi o lindo edifício próprio construído em 1941, com a comparticipação do Estado e auxílio de muitos paroquianos e benzido por delegado do Senhor Arcebispo, a 23 de Junho de 1941.

Assistiram Sub-Secretários do Estado, Delegado do Instituto do Trabalho em Braga, Governadores Civis efectivo e substituto, Presidente da União Nacional Distrital, autoridades concelhias, etc. Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz que havia prometido benzer a Casa e aproveitando a ocasião, fazer a Visita Pastoral, teve de faltar por doença, mas delegou a sua representação no arcipreste do julgado.

Bernardino Lopes, o Leça

Bernardino Leça foi o último dos Leças que possuíu a casa onde a tradição diz que se abrigara D. Fr. Bartolomeu dos Mártires. Era inculto, analfabeto, de feições grosseiras, segundo êle mesmo se classifica, parece que de bons costumes, simplório, mas com extraordinária veia poética e repentista. Naquele tempo, ia «cantar ao desafio» (costume em voga) pelos concelhos visinhos, lá pela região da Maia, etc. e com prejuízo da sua casa de lavoura que abandonava e consumição das irmãs e esposa, a qual, por fim, vendo-o incorrigível e o desiquilíbrio do casal, separou-se dele e retirou para Viatodos, sua terra natal.

Em serviços de lavoura, como espadeladas, desfolhadas, etc., com algum *divertimento* no fim, numa grande área, era indispensável, lá estava o Bernardino Leça; muitas vezes faltava em casa noites e dias seguidos. Uma irmã, em certo dia, foi de manhã para o trabalho do campo e, segundo o costume, deixou-lhe ao lume o púcaro com caldo, para almôço, no caso dele vir antes do meio dia. Junto

do borralho, outra panela maiorzita guardava a «vianda» para um bacorinho. Chegando êle a casa, deitou a mão à ração maior, comeu e parece que lhe «soube bem». A irmã é que, ao verificar o equívoco, se lamentou e queixou perante as vizinhas de ter o bácoro de ficar sem merenda! Vê-se que, se era grosseiro de feições, também não era fino de paladar.

O Dr. Rodrigo Veloso, advogado de nome em Barcelos e falecido depois em Lisboa como notário, apreciava os seus versos tanto que, encontrando alguma pessoa de Macieira, perguntava se conhecia quaisquer versos de Bernardino Leça; e, em caso afirmativo, escrevia e guardava. Deve ter deixado uma boa colecção.

Para amostra dos versos do Bernardino aqui deixo os seguintes, aproveitados dos que ainda andam no povo:

Foi Bernardino a um arraial a Fornêlo. Chegando com um grupo à margem esquerda do Ave, alta madrugada, o barqueiro exigiu que um *cantador,* que vinha também, Amaro da Lage, lhe cantasse uma *cantiga* linda.

Amaro espevitou-se e soltou a primeira, . . . a segunda e barqueiro insensível e barco não largava . . . Vira-se para o colega Bernardino e suplica: «Bernardino, canta lá tu». Resposta imediata do Bernardino:

«Adeus Amaro da Lage
Não sejas tão marralheiro
Puxa pelos cordões à bolsa
Para pagar ao barqueiro».

O barqueiro gostou e já o barco singrava, quando Bernardino continuou:

«Quando Deus criou a terra
Também criou êste rio;
E também criou êstes tolos
Para andarem por aqui ao frio».

Quando uma irmã saía de casa para casar:

«Donde estou bem vejo
Coisas que me fazem rir
Uma chora porque vai
Outra chora por não ir».

Em certo dia, conta-se, quando se preparava para um desafio, o dôno da casa diz-lhe: «Bernardino, a primeira cantiga há-de-ser para ti mesmo». Resposta imediata:

«Chegou aqui agora
Bernardino Leça
Que é grosso nas feições
Delicado na conversa».

Doutra vez, no fim duma espadelada em Viatodos, mulheres em círculo na eira, tinha Bernardino de dirigir a cada uma, a sua *cantiga*. Entre elas encontrava-se a mulher de Bernardino. Separada dêle, todos esperavam com interêsse o que saïria

quando a vez dela chegasse. Bernardino, ao defrontá-la, saíu-se com esta:

«Era uma vez um homem
Casado com uma mulher
Desarranjaram-se no contrato
Cada um faz o que quer».

Doutra vez um cantador, que o desafiava, chamou-lhe *fraco homem* porque estava separado da mulher.

Bernardino retorquiu:

«Com respeito a mulheres
Calemo-nos ambos os dois:
A tua fugiu antes
A minha fugiu depois».

Fugiu antes da casa dos pais, para casar, porque êles contrariavam o casamento.

Bernardino foi uma figura popular que fêz rir muito os seus contemporâneos numa grande área. Acabou sem nada.

Não admira, se em regra, tem acontecido o mesmo aos poetas letrados . . .

CURIOSIDADES . . .

Ordens do Snr. Regedor

Solicitados por autoridades civis e numerosos organismos, a pretexto de que são coisas de interêsse geral, os Párocos, raro é o dia santificado, em que não tenham de ler editais, fazer avisos e apêlos. E isto vai tornando a missa dominical longa demasiado ou reduzindo, com prejuízo das almas, a instrução religiosa devida e preceituada. Quando eu era rapaz, em Macieira, o pároco limitava-se a dizer na estação da missa e quando solicitado: «O sr. Regedor tem um edital a explicar»... «o sr. Regedor tem ordens a dar»... Por êsse tempo, eram sempre regedores, conforme o partido político que estivesse no poder, José Francisco do Padrão ou Manuel Pereira da Costa Palmeira, verdadeiros homens bons, de prestígio, ordem e tino prático. Terminada a missa, no adro, o regedor subia a uma pedra e, silenciosamente escutado, anunciava, lia, explicava e terminava por dizer que o

aviso ou edital ia para o lugar do estilo e «por hoje nada mais tenho a declarar». É curioso que o regedor duma situação política falava do lado nascente da igreja, o outro da banda do poente. Cada um tinha a sua cátedra...

Embora vivendo em boas relações os dois poderes — civil e religioso —, parece-me que talvez fôsse conveniente voltar a esta praxe antiga de Macieira e creio que doutras paróquias rurais, auxiliando-nos mutuamente e não estorvando uns aos outros no cumprimento dos seus deveres.

Convite para ofícios fúnebres

Também é curioso o modo delicado como se faziam os convites ao clero para os funerais aí por 1740 a 1850. Para amostra copio um dos que acabo de ler:

«Foi Nosso Senhor servido chamar à Sua Divina Presença a alma de... cujo funeral se tem a fazer na Igreja desta freguesia de Macieira, e para honrar aquêle tão piedoso acto, rogo a todos os Snrs. Reverendos Párocos e Paroquianos das freguesias à margem dêste para lhe assistirem *com a sua respeitável presença por cujo sacrifício,* além da esmola, *lhes ficarei agradecido sempre*».

Assim como se verifica que dos quarenta e quatro clérigos que assistiram ao funeral a que se refere esta Circular, muitos pertenciam às famílias mais importantes do concelho, desde Barqueiros a

Viatodos e desde Rio Mau e Cavalões até à cidade de Barcelos.

É pena que nem tôdas essas famílias tenham alimentado a chama viva da fé e que não tenham continuado a dar ao serviço da Igreja algum de seus membros.

Como o Regedor pedia um voto, há perto de cem anos

Cópia fiel:

«Snr. . . Pretendia de Vm.ce o favor de domingo ir a Goios votar um voto na eleição de deputados. Ora na missa melhor falamos. Mas espero ser servido, no que lhe ficarei muito obrigado».

Assinatura.

Arquivo particular a revelar a disciplina eclesiástica doutros tempos

Dois padres, irmãos naturais de Macieira, e que viveram no século XVIII.

«A José da Silva Rios, *acolito* da Diocese Bracarense, do Reino Lusitano, com documentos do seu Ordinário, na capela particular do Palácio Arquiepiscopal de Compostela, foi conferido o Subdiaconato, a dezassete de Maio de mil setecentos e oitenta e oito, por D. Sebastião Malvão.»

Em doze de Março de mil setecentos e oitenta e nove, foi-lhe passada, a seu pedido, cópia em duplicado da certidão da ordem, já arquivada na Cúria Arquiepiscopal Bracarense. Em princípios de

Janeiro de 1788 foi-lhe feita doação, pelos pais, para efeito do património, no valor de 195$300; reforçado depois com mais prédios, ficou em 201$300 reis.

O Rev.º João Álvares da Silva, filho de José Domingues da Silva e de Antónia Maria da Silva, de Santo Adrião de Macieira, a 22 de Dezembro de 1787, recebeu Prima Tonsura. Era Prelado o Senhor D. Gaspar.

A 23 de Setembro de 1797, recebeu os quatro graus de Menores, sendo Prelado o Sr. D. Fr. Caetano Brandão.

A 22 de Setembro de 1798, conferiu-lhe o Subdiaconato o mesmo Prelado.

A 21 de Setembro de 1799, o mesmo Prelado deu-lhe o Diaconato.

E, a 20 de Setembro de 1800, recebeu o Presbiterato, administrado pelo referido Sr. D. Fr. Caetano Brandão.

Ordenado de presbítero, freqüentou, durante dois anos, Teologia, como se vê do atestado passado pelo Reitor do Seminário!

Como aluno de Teologia, requereu, e foi-lhe concedido, que lhe fôsse permitido fazer nas férias os exercícios espirituais, *de dez dias,* para a reforma da primeira Licença de jurisdição.

O «Dr. João José Vaz Pereira, Reitor do Seminário de São Pedro, pelo Il.mo e Rev.mo Cabido, Sede Vacante, etc. passou-lhe, com data de 30 de Junho de 1814, carta de Cura *«até ao dia de São João de 1815»*, para a freguesia de Balazar. Foi-lhe renovada anual e sucessivamente até 1920, ano em que passou a receber Licença de jurisdição.

Tem a data de 30 de Maio de 1830 a sua última Licença arquivada. Para a reforma dos seus títulos de jurisdição, juntou certidão de «exame em moral e cerimónias, segundo o rito romano», perante o Reitor da Póvoa de Varzim e Vigário de Touguinha. E, como requeresse que lhe ficava longe, foi-lhe concedido, como requereu, fazer exame na «*Turma*» da Palestra de Negreiros, sendo examinado ora pelo presidente — pároco de Negreiros, ora pelos substitutos — pároco de Gondifelos ou Balazar. A palestra era em tôdas as terças-feiras. Em certa altura, atesta o pároco de Macieira que, «por causa duma moléstia dilatada que padeceu, foi proïbido de estudar e ir à palestra de moral». Mas que «é virtuoso, aplicado, instruído e cumpre com exactidão os deveres do seu ministério». (29 de Maio de 1930). Existem arquivados todos os Títulos, atestados, certidões de exames relativos à sua jurisdição. E, na casa do Cerqueiral, onde viveu parte da sua vida e falecera, ainda há pouco existia, e creio que ainda existe, uma chocolateira de cobre onde se fazia o café para o almôço do Padre João.

Manifestação de regosijo

Banho forçado

A Câmara de Barcelos havia mandado organizar dois projectos do lanço da estrada, de Pedra-Furada a Rates, da Póvoa-de-Varzim, para a ligar às Fontaínhas: um atravessando Gueral e Macieira, com um

ramal de Pedra-Furada para Courel; outro projecto, levando-a de Pedra-Furada por Courel e descendo por Macieira, mas por fóra da parte habitada. O primeiro, que vingou, era pretendido pela grande maioria da gente de Gueral e Macieira, freguesia mais populosa; o segundo por pequeno grupo de Macieira e pequeno grupo de Gueral e Courel, a pretexto de que a estrada, se viesse pelo meio das casas, seria ocasião de roubalheiras, por facilitar o transito dos ladrões!!! E mais a pretexto de que, com uma só estrada, ficavam servidas as três freguesias e, optando pelo primeiro projecto, era preciso, para as servir, mais o ramal para Courel. A Câmara, em sessão de 11 de Dezembro de 1886, sob a presidência de José Novais, tendo vindo *na sua maioria* ao local, estudar um e outro projecto, resolveu por *unanimidade* que se preferisse o primeiro, porque, com êle, era servida a freguesia de Gueral e Macieira, muito populosa e ainda, em parte, Courel; e o segundo só servia Courel e era mais caro por ter mais bastantes metros de extensão. E resolveu mais que se puzesse imediatamente em arrematação êste serviço.

O sr. Administrador do concelho observou que achava precipitada aquela resolução, pois o assunto exigia ponderação e, desde logo, pediu cópia da ata para levar recurso da resolução da Câmara para as Instâncias Superiores. A Câmara andou para a frente... O pequeno grupo de Macieira, vencido, ainda tentou que a estrada, em vez de quási reta, de Eitil a Travassos, fizesse uma apertada curva pelo Paço, cortando o adro. Finalmente, vingou em tôda a linha o bom senso e a justiça. Quando a Barcelos chegou

a notícia da resolução definitiva das Instâncias Superiores, Dr. Fontes, que era natural de Gueral, correu com dois ou três companheiros levar a boa nova a Gueral e Macieira, onde chegou à noite. Percorreu a freguesia, com enorme grupo que de repente se formou, esgotando-se os foguetes que, naquela época, havia à venda nas *lojas* de Macieira, Negreiros e Fontaínhas e gritando-se vivas ao José Novais, à Câmara, ao Dr. Fontes etc., etc., todos formidàvelmente correspondidos.

Como naquêle tempo, felizmente, não havia racionamentos, mas abundância de pão, aqui e acolá, aparecia em toalha alvíssima, a cheirar ao alecrim (brio da *lavradeira)* a enorme broa de pão e o cântaro de vinho. E até os *fidalgos* da vila achavam óptimo aquêle pão e a pinga. A noite estava escura como breu e a passagem do rio não era fácil:

Dum *passeio* tinha-se de dar largo e certeiro passo para alcançar a fraca ponte da Fareleira, (hoje convertida em ótima passagem pelo Estado Novo) e Dr. Fontes erra o passo e. . . cachapuz! leva um banho completo. Prontamente, braços poçantes o içam, para que se não afogue. Entra-se na primeira casa, que já era das *contadas,* e trata-se de fornecer roupa enxuta ao Dr. Fontes, coisa difícil, porque, sendo não muito alto, mas muito cheio, difìcilmente se remediou com a roupa do dono da casa — Manuel Joaquim Ferreira, enquanto a do Doutor secou à lareira.

O entusiásmo não arrefeceu, (nem o Dr. Fontes que não constipou) antes aumentou e continuou, misturado com gargalhadas. Como dos poucos adversários nenhum viu, os amigos guardaram segrêdo

e o *caso* escapou de ir para a «folha»... Passado pouco tempo, não havia em Macieira um descontente com a estrada por onde está.

As graças

Não há casa de família neste meio, onde à noite se não dêem «graças a Deus» demoradas. Atravessar a aldeia logo depois de ceia, em noite serena e de luar lindíssimo, e ouvir a toada das orações que de tôdas as casas se eleva a Deus, àquela hora é uma das impressões mais belas que pode sentir-se. O corpo estará de pé; a alma cai de joelhos perante tal espectáculo.

Havia pequenas variantes de casa para casa. Em geral, começava-se por agradecer a Deus os benefícios recebidos. Depois percorria-se uma longa série de santos e santas, advogados *disto, daquilo* com um Pai nosso a cada um, às vezes repetido. Nossa Senhora sob títulos diferentes, pedindo-lhe várias graças. Depois rezava-se pelos defuntos em geral, seguindo longa lista de almas queridas de parentes, benfeitores, amigos, vizinhos...

... A S.^{to} António, para que guardasse os animais, livrasse de falsos testemunhos e de maus vizinhos de «ao pé da porta». ... «A S. Tiago para que defendesse e conservasse a Santa Religião»... Algumas intenções têem um especial sabor. Por exemplo: «Graças ao Altíssimo pelos *benefícios que nos tem concedido até hoje e pelos que nos há-de conceder para o futuro*». O Senhor dirá: «Nunca vi na terra inteira tanta confiança.»

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

biblioteca
municipal
barcelos
6960

Notas ligeiras a propósito da
visita pastoral a Ma